

# A gripe espanhola em Patos de Minas (MG)

*The Spanish Flu in Patos de Minas*

BRUNO SOARES DAMACENO  
Discente do curso de História (UNIPAM)  
E-mail: brunodamaceno@live.com

ALTAMIR FERNANDES DE SOUSA  
Professor orientador (UNIPAM)  
E-mail: altamirinho@unipam.edu.br

---

**Resumo:** Incontáveis são na História os exemplos de doenças que mudaram o curso dos acontecimentos. Dentro desse escopo, encontramos a pandemia de Gripe Espanhola, que se alastrou pelo mundo causando milhões de mortes. A presente pesquisa tem como objetivo historicizar a pandemia de gripe espanhola na cidade e no município de Patos de Minas (MG) no período que vai do final do ano de 1918 ao início do ano de 1919. Tem como metodologia a pesquisa bibliográfica e documental em fontes primárias, para assim conseguirmos contextualizar o estado de coisas do município no final da segunda década do século XX e relatar como a pandemia ocorreu nessas terras.

**Palavras-chave:** Gripe Espanhola. Patos de Minas. Pandemia.

**Abstract:** History has countless examples of diseases that changed the course of events. Within this scope, we find the Spanish Flu pandemic spread throughout the world millions of deaths. The present research aims at historicizing the Spanish Flu pandemic in the city and municipality of Patos de Minas (MG) between the end of 1918 and the beginning of 1919. Its methodology consists of bibliographic and documental research in primary sources, so we can contextualize the state of affairs in the municipality at the end of the second decade of the 20th century and report how the pandemic occurred in these lands.

**Keywords:** Spanish flu. Patos de Minas. Pandemic.

---

“Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E contudo as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas” (Albert Camus).

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Confirmando as palavras do escritor argelino Albert Camus de que as pestes pegam as pessoas desprevenidas, o ano de 2020 deixou o mundo em alerta com o aparecimento da Covid-19 e a consequente pandemia gerada por ela. E, como é próprio dos momentos de crise, as pessoas se voltaram para a História em busca de

acontecimentos semelhantes do passado, algo que explicasse tudo o que estava acontecendo, e o súbito interesse por outras pandemias tomou conta da mídia, das conversas cotidianas e também dos historiadores. Ao olhar a nossa própria realidade, começamos a indagar o passado: como pessoas de outros tempos lidaram com suas pestilências? Como a mídia de outras épocas lidava com a pandemia? As pessoas eram bem informadas ou detalhes eram ocultados? As autoridades se preocupavam em registrar dados oficiais ou tentavam mascarar a verdade?

Tendo essas questões em mente, decidimos levantar dados acerca de outra pandemia ocorrida pouco mais de cem anos antes e que ainda choca pela sua letalidade e pela rapidez com que aconteceu: a gripe espanhola. Para tal empreitada, partimos de algumas questões básicas, a saber: como a gripe espanhola afetou Patos de Minas (MG)? Quando o novo vírus influenza chegou a Patos de Minas (MG)? Como a gripe espanhola foi tratada e noticiada nos jornais existentes na cidade? Foram tomadas medidas profiláticas e terapêuticas para ajudar a população? Quantas pessoas morreram no município?

Para empreender tais objetivos, recorreremos aos jornais publicados na época, aos registros do cemitério e da Câmara Municipal e à bibliografia disponível sobre a pandemia no mundo e no Brasil, que nos deram um panorama geral de como e quando a gripe começou a se disseminar e quais os efeitos causados por onde ela passou. Do ponto de vista metodológico, portanto, trabalhamos com fontes primárias, que é a base do métier do historiador, e de onde podemos extrair dados e elementos que nos ajudam a compreender a sociedade daquele tempo e o percurso que essa sociedade percorreu até chegar aos dias de hoje.

A história da Gripe Espanhola está intimamente ligada aos jornais, até mesmo o nome pelo qual essa gripe ficou conhecida advém dessa ligação. Quando, em 1918, os primeiros sinais de que uma doença nova que se espalhava e matava rapidamente começaram a aparecer, o mundo estava envolvido nas batalhas da Grande Guerra iniciada em 1914 e, por isso, muitos países como França, Alemanha e Inglaterra, exerciam censura aos jornais fazendo com que muitos fatos não fossem relatados ou fossem minimizados por questões políticas, para manter a moral do povo e das tropas intactas. Dentro desse combo de notícias que não ganharam destaque está o surgimento do novo tipo de gripe que começava a acometer algumas regiões do globo.

Porém, na Espanha, os jornais não haviam perdido sua liberdade de noticiar, uma vez que o país permaneceu neutro no conflito que ocorria no continente europeu. Desse fato, originou-se o nome pelo qual ficou conhecida a doença responsável por gerar mais mortes que a própria guerra em curso e responsável por uma das pandemias mais letais da história: a Gripe Espanhola.

Segundo Schwarts e Starling (2020, p. 51), da mesma forma como aconteceu no restante do mundo, aqui no Brasil a população pôde acompanhar o desenrolar da pandemia e o avanço da gripe espanhola pelas notícias dos jornais. “É certo que, diariamente, e desde o final do mês de junho de 1918, os periódicos nacionais estampavam manchetes acerca das mortes e das medidas de isolamento adotadas nos Estados Unidos e na Europa”, porém os relatos eram feitos de maneira pouco alarmistas, uma vez que os “jornalistas o faziam, a princípio, de maneira fria, como se a distância servisse de impedimento para que a grande influenza aportasse em terras tropicais”.

## 2 A GRIPE ESPANHOLA

Das várias teorias existentes, a mais aceita para o surgimento da gripe espanhola é a que aponta como local de início o estado do Kansas nos Estados Unidos da América. Essa é a teoria apresentada pelo historiador John Barry (2020), que localiza o surgimento desse novo vírus no condado de Haskell, no estado do Kansas, no princípio de 1918. Esse vilarejo, localizado no que conhecemos como Velho Oeste, em uma paisagem que imediatamente relacionamos com filmes hollywoodianos desse gênero, era uma região de criação de gado e que sofria com o clima extremo de secas que rachavam o chão no verão e chuvas escassas ou, ao contrário, sofria com o inverno rigoroso, em que a terra era castigada por ventos de frio cortante e a sensação térmica podia atingir os quarenta graus negativos.

Foi nessa localidade, entre o final do mês de janeiro e início do mês de fevereiro de 1918, que o médico local, chamado Loring Miner, percebeu algo diferente em um de seus pacientes, uma intensidade rara no que parecia ser sintomas comuns de gripe: febre alta, tosse seca, violentas dores no corpo e na cabeça. Casos parecidos foram se espalhando pela região assustando o médico que “nunca tinha encontrado uma gripe como aquela. Era violenta, de evolução rápida pelo corpo e às vezes letal. Era capaz de matar” (BARRY, 2020, p. 106). Em meados do mês de março, a doença desapareceu da região, mas ainda preocupava Miner, que, mesmo a gripe não sendo uma doença que por lei precisava ser notificada às autoridades de saúde pública nacional, fez a notificação para servir de alerta.

Nos primeiros seis meses de 1918, o alerta de Miner a respeito de uma “gripe severa” foi a única referência naquele periódico [Public Health Reports]<sup>1</sup> de uma ocorrência da doença em todo o mundo. Outros periódicos médicos traziam naquela primavera artigos sobre surtos de gripe, mas todos ocorreram depois de Haskell e não foram classificados como um alerta para a saúde pública. O condado de Haskell permanece como local da primeira aparição da gripe em 1918, sugerindo que um novo vírus se adaptava violentamente ao homem (BARRY, 2020, p. 107).

Nesse período em que a gripe estava contaminando os moradores do vilarejo no Oeste, a guerra na Europa exigia dos Estados Unidos cada vez mais mobilização de soldados para o fronte de batalha, gerando deslocamento de homens dentro do território americano para as diferentes bases militares do país. O jornal local publicou que alguns homens de Haskell, “Dean Nilson, Ernest Elliot e John Bottom, além de provavelmente vários outros homens não identificados”, partiram na última semana de fevereiro de

---

<sup>1</sup> Periódico do departamento do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, publicado semanalmente como forma de alertar os profissionais de saúde a respeito de possíveis surtos epidemiológicos e de outras doenças que precisavam ser notificadas.

1918 rumo a Camp Funston, um quartel da grande base militar de Fort Riley. “Tudo leva a crer que chegaram entre os dias 28 de fevereiro e 2 de março, e o hospital da base militar começou a receber soldados acometidos de gripe a partir de 4 de março”. Esse período de tempo “cobre com precisão o período de incubação do vírus influenza. Ao cabo de três semanas, 1.100 soldados em Funston estavam tão doentes que precisaram ser hospitalizados” (BARRY, 2020, p. 185).

O deslocamento de soldados fez com que a gripe não só atingisse outras bases militares dentro dos Estados Unidos, como também chegasse à Europa. A gripe atingiu as bases militares de Forrest e Greenleaf em 18 de março, ambas no estado da Geórgia, após duas semanas que o primeiro caso havia sido observado na base de Funston. Naquela primavera do hemisfério norte, das trinta e seis maiores bases do exército, vinte e quatro foram vítimas do surto da gripe. Quase um mês depois, em 10 de abril de 1918, foi relatada a primeira ocorrência dentro do exército francês e no final do mês a gripe atingiu a cidade de Paris (BARRY, 2020).

A biologia divide os vírus influenza, responsáveis por causar a gripe em humanos, em três grupos: A, B e C. A Gripe Espanhola foi causada pelo vírus H1N1, que pertence ao grupo A, o único grupo capaz de causar uma epidemia. Os vírus do grupo B não possuem poder de causar uma epidemia, e os do grupo C apenas ocasionalmente conseguem causar doenças em um ser humano.

Os vírus influenza não se originaram em seres humanos. Na natureza, residem em aves aquáticas silvestres. Aliás, existem bem mais variantes dos vírus influenza em aves do que em seres humanos. Mas a doença é consideravelmente diferente entre as espécies. Nas aves, o vírus infecta o aparelho gastrointestinal. Os excrementos contêm grandes quantidades de vírus que podem contaminar lagos e outros reservatórios de água. Os vírus aviários são transmitidos para humanos quando existe uma exposição maciça, mas, ainda assim, não consegue ser transmitida de um ser humano para outro, a não ser que sofra uma mutação. Pode acontecer também de o vírus infectar outro mamífero, como suínos, e então contaminar o homem, “quando uma nova variante do vírus influenza se adapta a nós, existe a possibilidade de que se espalhe rapidamente por todo o mundo. Existe a ameaça da pandemia” (BARRY, 2020, p. 114).

As doenças infecciosas que nos chegam na forma de epidemias, e não como um pinga-pinga regular de casos, têm várias características comuns. Primeiro, elas se transmitem rápida e eficazmente da pessoa contaminada para as saudáveis que estão próximas, e com isso a população inteira fica exposta em pouco tempo. Segundo, são “doenças agudas”: num curto período, ou as pessoas morrem ou se recuperam completamente. Terceiro, os felizardos que se recuperam desenvolvem anticorpos que os deixam imunes por muito tempo a uma repetição da doença, possivelmente para o resto de suas vidas. Finalmente, essas doenças costumam ser restritas aos seres humanos; os micróbios que as provocam não costumam viver na terra ou em outros animais (DIAMOND, 2013, p. 170).

O que espantava as pessoas era a velocidade não só com que a gripe espanhola se espalhava, mas também com que os sintomas evoluíam para a morte. O período de incubação era pequeno, entre um e três dias as pessoas já começavam a manifestar um ou mais dos sintomas, apresentando um grau de letalidade muito elevado.

Os sintomas variavam, mais atrapalhando que ajudando na confirmação do contágio: zoeira nos ouvidos, surdez, cefaleia, hipertermia simples, eram os mais relatados. Mas esse era só o começo. Surgiam, então, as diarreias, os vômitos sanguíneos, as hemorragias, fase em que era comum ocorrerem perturbações nos nervos cardíacos e infecções que alcançavam intestinos, pulmões e meninges, levando a vítima a uma série de sufocações, a dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e por fim à morte, em algumas horas ou poucos dias. Testemunhas lembram que, em virtude da falta de oxigenação, o rosto das vítimas ficava roxo ou azulado e os pés escuros; era a cianose, quando o óbito se dava em curto prazo, usualmente por insuficiência respiratória aguda. Os pulmões se enchiam de um líquido avermelhado e em três dias os pacientes faleciam, muitas vezes de parada respiratória. As vítimas preferenciais eram as crianças com menos de cinco anos e os jovens entre vinte e quarenta. Também os mais idosos, acima de setenta anos, eram considerados bastante vulneráveis à doença, que ficou conhecida popularmente, ainda, pelo nome maldoso de “limpa-velhos” (BARRY, 2020, p. 125).

As sociedades humanas foram muito afetadas por epidemias ao longo da história. A peste negra na Europa do século XIV matou um quarto da população. Os historiadores sabem que, desde o Egito Antigo, a varíola é responsável por milhares de mortes, tendo sido inclusive decisiva na conquista da América pelos espanhóis. Segundo Diamond (2013, p. 176), a varíola ofereceu uma vantagem decisiva aos espanhóis que não haviam sido eficazes na guerra contra os astecas, até que um escravo infectado com varíola chegou ao México vindo de Cuba. “A epidemia que veio em seguida matou quase a metade dos astecas, incluindo o imperador Cuitláhuac”, que havia substituído Montezuma no poder. “Os sobreviventes astecas ficaram desmoralizados pela doença misteriosa que matava os índios e poupava os espanhóis, como que anunciando a invencibilidade dos espanhóis. Em 1618, a população inicial do México, de quase 20 milhões, caíra para cerca de 1,6 milhão”.

A estimativa de mortes causada pela Gripe Espanhola está na casa dos milhões. Até o final da Primeira Guerra Mundial, estima-se que tenham morrido 21 milhões de pessoas e até o final de 1920 o número fica entre 50 milhões e 100 milhões de pessoas mortas.

## 2.1 A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL

No Brasil, pelo que se sabe, a gripe espanhola chegou a bordo do navio Demerara, que havia partido de Liverpool, feito escala em Lisboa e atracado no cais do porto de Recife no dia 09 de setembro de 1918 às oito horas da manhã. Naquele momento, as autoridades brasileiras foram avisadas que, na enfermaria do navio, havia ao menos duas pessoas doentes diagnosticadas com gripe comum. “Possivelmente o número era maior. Seja como for, passageiros e tripulantes contaminados desceram no cais sem despertar maiores preocupações por parte das autoridades de saúde” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 60).

Após Recife, o Demerara ainda realizou três escalas em território brasileiro, espalhando o vírus mortal pela costa do país. No dia onze de setembro, em Salvador; no dia quinze de setembro, ele atracou no Rio de Janeiro; e, por fim, no porto de Santos em São Paulo, de onde o navio seguiu viagem para mais duas paradas, uma em Montevideu, no Uruguai, e encerrando a viagem em Buenos Aires, na Argentina.

Quando a gripe espanhola chegou ao Brasil em 1918, o país estava prestes a completar trinta anos que havia se tornado uma república e havia reeleito pela primeira vez um presidente: Rodrigo Alves. A eleição ocorrida em primeiro de março deu vitória a ele e ao vice, Delfim Moreira, que foi quem tomou posse no dia 15 de novembro em virtude do adoecimento de Rodrigues Alves, que faleceu em janeiro do ano seguinte.

Existe uma crença popular de que o presidente Rodrigues Alves tenha morrido em decorrência da gripe espanhola, porém a nova historiografia vem desmentindo esse mito. Primeiro, porque a gripe matava suas vítimas muito rápido após a infecção, e Rodrigues Alves convalesceu por bastante tempo até seu falecimento, “foram meses de idas e vindas entre o Rio de Janeiro e o interior paulista até a sua morte”<sup>2</sup> (BIERNATH, 2021). O presidente apresentava problemas cardíacos e respiratórios havia algum tempo.

Rodrigues Alves foi assistido por três médicos: Miguel Couto, Matias Valadão e Raul Leitão da Cunha. O documento está assinado por um deles, Raul Leitão da Cunha, especialista em histologia e anatomia patológica, além de professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. E registra como a causa básica — aquela que conduziu diretamente à morte — uma doença sem relação com a espanhola ou suas complicações: “assistolia aguda no curso de anemia perniciososa”. Vale dizer: parada cardíaca causada por uma anemia perniciososa (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 21).

Rodrigues Alves já havia vencido a disputa pelo cargo de presidente da república dezesseis anos antes e ocupou a presidência de 1902 a 1906. Durante seu governo, realizou uma revolução urbanística e de saúde pública no Rio de Janeiro, então capital do país, que reverberou por outros estados do Brasil. Segundo Schwarcz e Starling (2018, p. 236), “a urbanização era uma realidade que vinha pra ficar, e alterava

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56031995>. Acesso em: 03 set. 2022.

rapidamente a feição do país”, uma vez que, segundo o censo de 1910, “a população brasileira cresceu a uma taxa média de 2,5% ao ano, enquanto a população das cidades com 50 mil habitantes subiu a 3,7%, e a das cidades com mais de 100 mil, a 3,1%”. Contudo, se por um lado a população urbana aumentou em 6,8%; por outro lado, “no primeiro decênio da República, a população rural decresceu 2,2%”.

Nessa época, as cidades passaram por um processo de urbanização e higienização. Sob o governo Rodrigues Alves, levou-se a cabo o projeto de “melhorar a imagem pública do Rio de Janeiro”, atuando em duas frentes: “o embelezamento da então capital federal — que tinha, no entanto, por contraparte a expulsão da pobreza para os arrabaldes da cidade — e o combate às epidemias, que grassavam como erva daninha no solo carioca” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 21). Grande parte da população pobre habitava moradias coletivas, pensões, hotéis baratos, cortiços sem condições de higiene mínimas. Essas habitações, consideradas insalubres, foram demolidas para dar lugar a avenidas e ruas mais largas.

Quanto ao controle de epidemias, ficou famosa a Revolta da Vacina, em que a população mais pobre se insurgiu contra as medidas tomadas pelo sanitarista Oswaldo Cruz, que havia sido nomeado por Rodrigues Alves como diretor-geral da Saúde Pública e tinha como principal missão dar fim a três epidemias que castigavam o Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XX. São elas: a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. As duas primeiras foram combatidas por meio do controle de mosquitos e ratos. Inclusive era possível a população trocar ratos por dinheiro, o que ajudou no controle dos roedores. Quanto à varíola, a medida tomada foi a vacinação obrigatória em massa; foi nesse ponto que as massas reagiram. Entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904, os cariocas foram às ruas se manifestar contra essa medida obrigatória.

Mas, apesar das medidas tomadas na década anterior, assim como o restante do mundo e de outras cidades brasileiras, o Rio de Janeiro não estava pronto para enfrentar uma doença tão avassaladora. Isso porque a instalação da república no país não veio acompanhada de uma agenda de saúde pública. Os hospitais, as ambulâncias e demais aparelhos clínicos viviam em estado de desmazelo. As ações de saúde pública se voltavam principalmente para os serviços de vigilância sanitária e emergências geradas por surtos de epidemias que, vez ou outra, explodiam pelo país.

O pico da pandemia de Gripe Espanhola no Rio se deu em outubro de 1918, fazendo com que as ruas ficassem vazias; “as telefonistas adoeceram, não sendo possível fazer ligações; os presidiários foram soltos, pois faltavam policiais; poucos bondes circulavam, já que os próprios condutores haviam sido contaminados”, cinemas, teatros e demais pontos culturais foram fechados. As escolas também fecharam, e as igrejas reduziram seus horários (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 127). Em novembro, o número de casos começou a declinar e aos poucos a vida na capital foi retornando ao normal.

Dentro do país, a gripe foi espalhada pelos “trilhos das ferrovias”, fazendo com que a peste fosse “tomando o Brasil todo, das capitais aos pequenos vilarejos” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 17). Foi dessa forma que a espanhola chegou a Minas Gerais, a começar pela capital.

Belo Horizonte tinha apenas vinte e um anos quando a gripe espanhola desembarcou lá. Sua construção foi planejada e a cidade foi projetada “de acordo com

os modernos preceitos de higiene urbana da época”, que haviam motivado também a urbanização do Rio de Janeiro, por isso reinava a crença de que Belo Horizonte era uma cidade salubre, reforçada pelo fato de poucos vestígios da presença de outras “enfermidades com potencial de epidemia [...] como difteria, cólera, febre amarela, varíola” – isso ajudava a reforçar a “ilusão das autoridades e dos moradores nas boas condições sanitárias da capital Mineira” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 197).

A nova capital mineira foi idealizada pelas oligarquias locais como forma de “representação material do poder do Estado” (FERNANDES, 2021, p. 1062), como mais um capítulo na disputa pelo poder entre as diferentes facções que controlavam o poder na antiga capital Ouro Preto. A construção de uma nova capital representava, assim, uma tentativa de unificar a política estadual e tentar reverter a economia que, naquele momento, estava em decadência. Além disso, outros ideais estavam em vigor naquele período.

No final do século XIX, ideais de ordem, progresso e higiene guiaram o planejamento urbanístico e a fundação de Belo Horizonte, a nova capital de Minas Gerais. Enquanto ordem e progresso constituíam os emblemas da Nova República, higiene era a grande obsessão do momento, em repercussão às epidemias e pestes que haviam devastado a Europa. Foi também uma reação ao modelo de urbanização colonial vigente até então, representado pela cidade de Ouro Preto, a antiga capital do estado (FERNANDES, 2021, p. 1062).

Por conseguinte, a visão da capital mineira como uma cidade saudável estava no gene da sua construção e era reforçada pelos jornais e pelas autoridades de saúde local que diziam que a gripe que chegou ao Brasil era de caráter benigno e que a cidade fora construída para evitar a propagação de doenças. O jornal *Diário de Minas* publicou<sup>3</sup>: “não há, pois, razão para nos enchermos de terror, como vai acontecendo por aí, confundindo uma coisa com outra, pondo em sobressalto toda gente”.

Por isso, em um primeiro momento, a população belo-horizontina mostrou despreocupação quanto aos efeitos da doença na capital. O primeiro caso que lá se teve notícias foi de um oficial saído da Vila Militar no Rio de Janeiro, vindo de trem, desembarcou em Belo Horizonte no dia sete de outubro, acompanhado da mulher e dois filhos. Eles se hospedaram no hotel Floresta, no bairro de mesmo nome, e lá passaram a noite. No outro dia, instalaram-se em uma casa que alugaram por ali perto. “Dois dias depois, os primeiros sintomas da espanhola se fizeram sentir” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 200).

Dez dias depois, a espanhola se fez sentir na cidade, e o médico responsável pela Diretoria de Higiene, Samuel Libânio, tomou medidas severas para tentar conter o avanço do vírus. Foi decretado o fechamento do comércio, dos bares, dos cafés, dos cinemas, dos clubes, ou seja, nada poderia abrir. A circulação de bondes também foi

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-ano-em-que-belo-horizonte-enfrentou-a-pestes>. Acesso em: 20 abr. 2022.



reduzida. As escolas suspenderam as aulas, assim como a Igreja suspendeu a catequese. Pulverizadores e vaporizadores de desinfecção de locais eram transportados pela cidade para higienizar residências. Começou a faltar o básico: pães, leite, carne, verduras, fubá, açúcar, sabão. A população mais carente teve que contar com doações feitas por meio de associações de ordem religiosas, como a Ordem São Vicente de Paulo, e da Cruz Vermelha.

A epidemia de gripe espanhola durou três meses. A população da cidade girava em torno de 45 mil habitantes; a doença derrubou por volta de 15 mil pessoas. Os registros apontam um total de 282 mortes, mas faltam dados. Quantos faleceram fora dos hospitais? Quantos óbitos foram notificados? Não sabemos. Toda essa história ficou perdida no tempo — pouca gente ainda se recorda dela. Belo Horizonte apagou da memória as lembranças e as histórias sobre o dia em que a gripe espanhola atacou a cidade que se julgava salubre (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 215).

O número total de mortes no Brasil também é algo impreciso: “[...] alguns analistas referem-se a 50 mil pessoas falecidas e outros chegam a afirmar que 300 mil pessoas teriam sucumbido por causa da doença. Uma variação como essa não é aceitável, e nos fazem falta registros mais aferíveis” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 337). Assim como os números de óbitos mundiais, as variações de dados e de estatísticas são muito grandes, mas nos servem como estatísticas e como uma base para olhar os acontecimentos locais de maneira mais crítica.

## 2.2 A GRIPE ESPANHOLA EM PATOS DE MINAS

Assim como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, Patos de Minas também passou por um processo de urbanização inspirado no que ocorreu em Paris na *belle époque*. Se, no seu surgimento, a cidade seguia as características apontadas por Sérgio Buarque de Holanda de uma cidade semeada no estilo da colonização portuguesa, isto é, sem planejamento, formando vielas e espaços apertados, como ainda pode ser observado no que hoje reconhecemos como o núcleo antigo da cidade, sua expansão já seguiu as novas vertentes de um espaço planejado, aberto e amplo como “a Paris do Barão de Haussmann e o Rio de Janeiro de Pereira Passos” (SILVA, 2015, p. 10). Esse processo foi comandado pela família Maciel que dominava a política na cidade desde o império e manteve seu poder também na república.

A classe dominante local se interessava em criar uma imagem positiva de Patos de Minas para o restante do país e também em criar a narrativa de um lugar tranquilo para a população local. Representar Patos de Minas como “uma cidade tranquila, festiva e lugar de bem viver” fazia parte do projeto educacional dessas elites que resultou nas publicações das primeiras obras feitas por memorialistas, como Oliveira Mello, sobre a história da cidade, usados como leitura da educação básica e como fonte de pesquisas em que interessava jogar “para o esquecimento qualquer ‘dissonância’ social” (SILVA,

2015, p. 26) que pudesse contradizer a narrativa de que Patos de Minas era uma cidade sem problemas.

Percebe-se esse fato em matérias da época em que a Gripe Espanhola já se fazia sentir em Patos de Minas, como, por exemplo, podemos ver na matéria do jornal *O Federalista*<sup>4</sup> de dois de fevereiro de 1919, que, ao criticar a demora da Diretoria de Higiene do Estado de Minas Gerais em repassar as verbas prometidas para o saneamento e para o combate à pandemia, descreve Patos de Minas como sendo um dos municípios “mais prósperos e de mais futuro de Minas”, uma vez que “a Providência” dotou “este pedaço da Pátria de um clima salutar e terras cuja uberdade é o principal elemento em virtude” e completa dizendo que “nesta região não se conhece a grande miséria” como em outras partes do estado. Entretanto, apesar de pintar um cenário idílico, ele sinaliza o cenário devastador da gripe espanhola na região.

Mas, apesar disso – do fato de se não contar neste município miséria e de viver o povo em relativo estado de prosperidade e conforto, graças à natureza deste pedacinho de terra, que Deus nos quis dar, é digno de lástima o que se observou em alguns distritos do município, por ocasião da “grippe”<sup>5</sup>.

Patos de Minas também entrou dentro do escopo de cidade moderna em que vinham atreladas as medidas sanitárias – “entre 1907 e 1933, os Maciéis investiram em ações de saneamento básico, na construção de obras e de equipamentos urbanos, em pesada tributação dos alimentos vendidos na cidade e, ainda, na fiscalização sanitária” (SILVA, 2015, p. 193). A maioria das ações realizadas nesse âmbito partiu do Dr. Euphrasio José Rodrigues, que, desde 1909, coordenava as ações contra a varíola na cidade.

[...] em setembro de 1912, uma “Inspetoria de Hygiene” foi acionada para coibir o abuso na venda de drogas e medicamentos. Posteriormente, em 14 de janeiro de 1917, o jornal borgista “O Riso” criticou a lentidão do “Delegado de Hygiene” quanto às muriçocas que invadiam a cidade e, ainda, o imposto sobre a venda de hortaliças e biscoitos por “senhoras paupérrimas”. Na sessão de 26 de setembro de 1912, a Ata dá conta da proibição do plantio de arroz nas áreas urbanas; em 23 de setembro de 1916, da compra de uma carroça para a limpeza das ruas. E, na sessão de 8 de maio de 1919, a ata não apenas oferece informações sobre a arborização urbana como, ainda, dá indicativos sobre a tributação e fiscalização dos açougues (SILVA, 2015, p. 193).

<sup>4</sup> SANEAMENTO DOS SERTÕES. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

<sup>5</sup> SANEAMENTO DOS SERTÕES. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

Nesse período, um hospital em Patos de Minas, era apenas um sonho. A oligarquia local começou a fomentar a possibilidade de construir um hospital na cidade no ano de 1915. Comitês chegaram a ser criados tanto na cidade quanto nos distritos para levantar fundos, porém o Hospital Santo Antônio ficou apenas no papel. Segundo Oliveira (2020), a ideia de ter um hospital em Patos é um pouco mais antiga; o primeiro a falar publicamente foi Eufrásio Rodrigues, um médico baiano que colaborava em artigos para o jornal patense *O Trabalho*, em que ele publicou, em 9 de dezembro de 1906, um texto em que “depois de fazer diversas observações sobre os diversos problemas da cidade, exorta: ‘Agora dizemos nós, para aqueles que querem iluminações, automóveis, carros de praça etc., preferimos um serviço de desinfecção, um pequenino hospital’”<sup>6</sup>.

Quase dois anos depois, no mesmo jornal, “*O Trabalho*”, de 29 de março de 1908, em seu número 55, do ano III, página 1, no artigo, “*A Casa de Caridade*”, ele faz nova e mais séria admoestação: “Em nosso País mesmo, a História das epidemias nos traz páginas desastrosas. Que será de uma população como a de Patos se não tiver um hospital, quando a varíola, o cólera ou a febre amarela vier visitá-la? - Morrerão todos porque foram imprevidentes, ou porque tiveram dó de gastar um pouquinho de dinheiro em favor daqueles a quem a mesquinha fortuna vai retendo escassamente no centro da penúria. É preciso que nos unamos todos em uma cristalização de ideias, e fundemos uma Confraria de Misericórdia, para a aquisição de uma Santa Casa; se esta [não] nos servir de utilidade, servirá para algum de nossos filhos, cuja sorte não podemos prever”. Este mesmo texto seria publicado novamente no Jornal “*Cidade de Patos*” do dia 18 de abril de 1915, sabe-se lá para quê! (OLIVEIRA, 2020)<sup>7</sup>.

A próxima notícia que temos sobre um hospital em terras patenses vem do Jornal *Cidade de Patos*, que diz que os habitantes, preocupados com a saúde pública “[...] cogitaram [...] da fundação de um estabelecimento hospitalar, e tão adiantado se encontram hoje os fundamentos desse projecto, que, traduzindo brevemente em realidade, será o hospital de Patos um dos melhores entre os seus congêneres no Estado”<sup>8</sup>. Apesar de haver essa mobilização em torno de sua construção, somente em 1930 foi inaugurado um hospital em Patos de Minas. Portanto, durante a pandemia de gripe espanhola (1918-1920) a população de Patos de Minas não contava com uma estrutura que garantisse um atendimento mais eficaz no tratamento de tal enfermidade. Nesse período, na cidade, existiam farmácia, clínica médica particular, três ou quatro médicos, que, além de atendimentos em suas clínicas, faziam atendimento em

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.jornaldepatos.com.br/2020/07/hospital-regional-90-anos.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.jornaldepatos.com.br/2020/07/hospital-regional-90-anos.html>. Acesso em: 20 abr. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://efecadepatos.com.br/?p=21990>. Acesso em: 20 abr. 2022.

domicílio<sup>9</sup>. Muitos desses problemas causados pela falta de uma estrutura de saúde devem-se ao fato de que, assim como no Império, “o regime republicano não construiu uma política consistente na área de saúde, muito menos uma agenda de saúde pública permanente voltada para a população pobre, urbana e rural”. O governo federal “se limitava ao serviço de vigilância sanitária e ao controle das condições portuárias” e tomava providências quando do aparecimento periódico de “surto epidêmicos [...] incidentes no país” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 19).

Os governos estaduais, por sua vez, criavam sua própria “Diretoria-Geral de Saúde Pública”, encarregada da aplicação de medidas gerais de saúde e específicas para as doenças transmissíveis. A Diretoria era vinculada a uma secretaria, na maior parte dos casos à Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública, e estava também encarregada de executar os serviços de Estatística Sanitária, Verificação de Óbitos e Medicina Legal. É certo que, em situações de grave crise sanitária ou calamidade, um governo estadual poderia requisitar intervenção federal, mas essa nunca foi uma prática bem-aceita pelas oligarquias locais, ciosas do seu próprio poder. Afinal, um pedido de tal natureza guardava significado político, e poderia ser entendido como uma fraqueza, tendo por consequência a interferência indevida — ou, ainda pior, permanente —, diante da autonomia dos estados garantida pela Constituição de 1891 (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 19).

Essa responsabilidade de os próprios estados arcarem “com os custos e com o atendimento médico” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 173) acarretava má distribuição dos recursos financeiros, médicos e farmacêuticos, especialmente na situação pandêmica em que Minas Gerais se encontrava, como podemos constatar em duas edições do jornal *O Federalista*. Na primeira de 2 de fevereiro de 1919, com o título *Saneamento dos sertões*, diz:

A Diretoria de Higiene do Estado não há muito anunciou aos quatro ventos que iniciara o saneamento do interior e que muitas localidades que haviam já sido beneficiadas pelo bafejo oficial, para a extinção da pandemia, que é a causa da decadência moral e física de inúmeros patrícios nossos, iam apresentando resultados animadores e que vinham estimular o esforço da Diretoria em prol do povo sertanejo senão das forças vivas do Estado.

Entretanto, nosso Município, que é, sem dúvida, um dos mais prósperos e de mais futuro de Minas, esse benefício apregoado com tanto entusiasmo ainda não se fez sentir

---

<sup>9</sup> Cf. RIBEIRO, G. R. C. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. *Revista Alpha*, Patos de Minas, v. 9, p. 67-81, 2008.

nem, ao que sabemos, em toda esta região, digna, por todos os títulos, da atenção por parte daqueles que têm nas mãos enfeixadas as rédeas da administração e de quem tem o povo o direito de esperar pela realização das promessas apregoada com palavras inçadas de patriotismo e de boas intenções<sup>10</sup>.

Dez dias depois, na edição de 12 de janeiro de 1919, o mesmo jornal ironiza o fato de a Diretoria de Higiene do Estado privilegiar o combate da pandemia apenas na capital e nas grandes cidades de Minas e auxiliando apenas com poucos recursos a cidade de Patos de Minas.

A Diretoria de Higiene do Estado muito empenhada em servir à população da Capital e das grandes cidades do Estado, não pode destacar, sequer, um médico para auxiliar os clínicos locais, limitando-se a enviar um pacotinho de quinino e ESSÊNCIA DE CANELLA... *risumteneatis*. Felizmente, a Câmara Municipal tomou com a maior presteza as providências mais urgentes, de modo que não tivemos falta dos principais medicamentos<sup>11</sup>.

Percebemos, na última frase do trecho supracitado, que coube a uma iniciativa da Câmara Municipal providenciar os recursos necessários para atendimento à população afetada pela pandemia, pois, como dito anteriormente, Patos, nesse final da segunda década do século XX, ainda não possuía hospital. Dessa forma, para enfrentar a pandemia de gripe, foi necessário criar um hospital provisório para atender os acometidos pela enfermidade, como descrito pelo jornal *O Federalista*.

Pode-se dizer que não era possível haver maior solicitude e carinho por parte do nosso corpo médico que, com o maior desvelo, se dedicou inteiramente, nos dias da terrível epidemia, em combater por todos os meios ao seu alcance o terrível morbus.

Não nos é lícito passar em silêncio a ação prestimosa do ilustre clínico Dr. João Borges, que prestou os mais relevantes serviços à população, não só antes como depois de ter sido atacado pela gripe.

O Dr. Adélio Maciel, D. D. Presidente da Câmara organizou desde logo um serviço hospitalar, a fim de serem recolhidos os indigentes e cuja direção coube ao Sr. Amadeu D. Maciel, a convite do digno chefe do Executivo Municipal e que com a maior dedicação dirigiu os serviços do hospital.

---

<sup>10</sup> SANEAMENTO DOS SERTÕES. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

<sup>11</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

O prédio em que foi instalado o hospital é de propriedade dos Srs. Carlindo Magalhães e Adalardo Belluco, que o cederam gratuitamente.

Para auxiliar as despesas de instalação foram angariados donativos, organizando-se para isso diversas listas que foram distribuídas a gentilíssimas senhoritas, que muito se empenharam para o bom êxito desse piedoso mister.

Daremos no próximo número a lista completa de todos os que concorreram com o seu óbolo para a instalação do hospital.

O serviço médico do hospital ficou a cargo dos srs. Drs. Adélio Maciel, Eufrásio Rodrigues auxiliados pelos srs. José de Almeida Junior, Sebastião Mendonça e César Gastão, que foi ainda destacado para servir à população de Santa Rita, onde prestou relevantíssimos serviços<sup>12</sup>.

A lista de doadores à qual o jornal se refere é esta transcrita abaixo, que, infelizmente, não pôde ser recuperada por completo, pois a edição do jornal à qual se teve acesso encontra-se danificada e com página incompleta. Sendo assim, não conseguimos ter os dados do valor total arrecadado. No entanto, o que podemos inferir dos dados disponíveis é que as elites locais não “meteram a mão no bolso” de forma significativa para ajudar no tratamento dos mais pobres e indigentes de nossa cidade.

Publicamos abaixo a relação das pessoas que concorreram com o seu caridoso óbolo para ocorrer às despesas do hospital:

Albertina Maciel – 2 sacas de arroz e 8 arrobas de açúcar  
200\$000

Marciano Thomaz de Magalhães 20\$000

Virgilio Caçado (em gêneros) 5\$000

Juvenio Cirino 5\$000

Carlindo Tomaz 5\$000

D. Rita 5\$000

Antenor Muniz 20\$000

Satyro Maciel 10\$000

Fortunato Pinto 5\$000

Sinhazinha 5\$000

João Pinheiro 2\$000

Agenor Modesto da Silva 1\$000

D. Bitá, 3 travesseiros 3\$000

Padre da Lagoa 30\$000

Adolpho de Britto 1\$000

Severino Neves de Rezende 50\$000

Joaquim José de Santana 10\$000

Jonas Santos 10\$000

Honorino de Ulhôa 5\$000

S. Levergger 5\$000

---

<sup>12</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

Jacomino Polizzi 5\$000  
Monvoisin 5\$000  
Oscar Campos 5\$000  
José de Godoy 5\$000  
Dr. José Sandoval Babo 5\$000<sup>13</sup>

Nesse ponto, ficou clara a importância histórica dos jornais para a construção da história da Gripe Espanhola no Brasil e também em Patos de Minas. A imprensa no Brasil, no século XX, vinha de um histórico bastante curioso, senão único no mundo. No século anterior, sob o reinado de Dom Pedro II, a liberdade concedida à imprensa era quase irrestrita, a ponto de impressionar estrangeiros que por aqui vinham.

Diplomatas europeus e outros observadores estranhavam a liberdade dos jornais brasileiros. Schreiner, ministro da Áustria, afirmou que o imperador era atacado pessoalmente na imprensa de modo que ‘causaria ao autor de tais artigos, em toda a Europa, e até mesmo na Inglaterra, onde se tolera uma dose bastante forte de liberdade, um processo de alta traição’. O ministro da França, Amelot, também registrou em 1887 que havia no Brasil uma liberdade ilimitada de imprensa (CARVALHO, 2007, p. 86).

A liberdade de expressão era uma garantia constitucional constante no Brasil desde o Império e até a vigência do Estado Novo (1937/1945), quando ela foi abolida pela primeira vez. Os jornais serviram – além de disseminar ideologias e evidenciar os interesses de classe, a partir do confronto dos vários pensamentos e discursos publicados – para a manutenção da hegemonia, utilizando muitas vezes discursos enfatizando a democracia.

É importante salientar que, naquela época, havia um grande número de analfabetos, e os jornais eram acessíveis apenas para uma minoria de leitores, ou melhor, para uma classe que detinha não só o conhecimento, mas também os meios de produção. Assim, não seria difícil dar continuidade e manter o poder. O ideário republicano de modernidade, aqui já mostrado com a preocupação da sanitização das urbes brasileiras, também chegou à imprensa, fazendo circular as ideias de ordem e progresso a que a República queria se ligar, ao contrário da imagem de atraso deixada pelo Império.

“Posto isso, surge, em Patos de Minas, das elites e para as elites, a imprensa escrita”. O primeiro jornal tipo tablóide foi *O Trabalho*, tendo como diretor Fortunato Pinto da Cunha, “cuja fundação se deve a Antônio de Almeida Coelho, então promotor de justiça da comarca”, e lançado em 15 de agosto de 1905. Até 1920 ainda surgem *O Commercio* (1910) *Cidade de Patos* (1915), *O Riso* (1915), *O Grito* (1915), *A Carapuça* (1916), *A Metralha* (1917) e *O Federalista* (1919), todos eles tendo como fundadores e redatores

---

<sup>13</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

membros das famílias que comandavam politicamente a cidade (MATOS, 2009, p. 48-50).

E são pelos jornais que conseguimos entender muito do que se passou sobre a gripe espanhola no Brasil, primeiro com os tons jocosos e irônicos com o alarde que uma “simples gripe” estava causando, passando depois a informar e prevenir a população. No livro *A Bailarina da Morte*, as historiadoras Lilian Schwarcz e Heloisa Starling (2020) levantaram informações de como a espanhola era tratada nos jornais.

Mas a partir de meados de outubro o recurso da negação tornou-se, a cada dia, mais conflitante com a realidade dos cariocas. Pandemias sempre invadem o cotidiano da população, e com tal rapidez que por vezes, de uma semana para outra, as pessoas encontram dificuldade para lembrar como era o seu dia a dia duas semanas antes. Foi o que aconteceu com o jornal *O Paiz*, por exemplo, que começara a publicar uma seção especial intitulada “A ‘Influenza Hespanhola’”. A coluna foi comendo cada vez mais espaços do jornal e passou a funcionar como uma seção de serviço público, que oferecia “conselhos práticos” aos leitores: explicava como prevenir a epidemia mantendo as mãos limpas e usando todo tipo de desinfetante, pedia que fossem evitadas aglomerações e ensinava a utilizar máscaras. *O Paiz* continuava com sua coluna especial cujo objetivo era desmontar fake news! Ela já existia, mas até então se dedicava aos esportes. Espécie de embrião das agências de checagem que hoje conhecemos, chamava-se “Boatos Falsos”, e sempre terminava com a frase “Não sei mentir...”. Apesar de guardar um quê de gozação, e divulgar qualquer gênero de notícia, nesse momento a seção passou a se concentrar em desmentir casos não comprovados de gripe espanhola. Ativo, o periódico também denunciava farmácias que aumentavam os preços dos medicamentos ou hotéis que aproveitavam a situação para alugar quartos por valores mais altos (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 123-124).

Não conseguimos precisar exatamente quando a gripe espanhola chegou a Patos de Minas, mas seguindo os passos da disseminação dela pelo país, tendo chegado ao Rio de Janeiro em setembro e em Belo Horizonte em outubro, podemos arriscar que a gripe tenha chegado a Patos entre o final de outubro e o início do mês de novembro de 1918. Em dia 25 de novembro de 1918, uma ata da Câmara Municipal registra o adiamento da sessão, pois não haviam comparecido número de vereadores suficientes “para abrir-se a sessão, em virtude da epidemia de Grippe que nesta ocasião recai entre nós”<sup>14</sup>. É certo que em dezembro o jornal já noticiava as mortes decorrentes da moléstia no município: “De 1º de dezembro de 1918 até ao dia 12 de janeiro (1919) do corrente

<sup>14</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Câmara Municipal. *Livro de atas 03 de maio de 1918 a 02 de outubro de 1919*. Livro 10, p. 36.



ano, foram sepultadas, no cemitério do Distrito de Santana, 63 pessoas que faleceram em consequência da gripe”<sup>15</sup>, já na sede do município a notícia é que “foram enterradas mais de 45 pessoas durante o mês de dezembro, porquanto faltam, ainda, algumas que não figuraram no obituário que publicamos em o número passado”<sup>16</sup>.

É curioso perceber que no jornal *O Federalista* temos mais notícias sobre os efeitos da pandemia nos distritos do município de Patos de Minas do que na cidade sede, justamente pelo fato de tentar criar a imagem higienizada da cidade como mostrado anteriormente. Na edição de nº 4, o referido jornal diz que “são desoladoras as notícias que nos chegam do interior do nosso Município”<sup>17</sup> e dá um panorama do que estava acontecendo.

O coeficiente da mortalidade eleva-se a um número enorme. Há poucos dias fomos informados que havia doze cadáveres no cemitério das Palmeiras e 6 no de Água Limpa para serem inumados.

Não há quem faça o transporte dos cadáveres, que são sepultados em frente às casas. Há corpos pelos campos que são comidos pelos urubus.

Segundo nos comunicam, é desoladora a situação dessa pobre gente, que vive abandonada, à lei da natureza e que são os habitantes do nosso *hinterland!*<sup>18</sup>

No mês seguinte, as aterradoras notícias da mortalidade da gripe nos distritos continuavam a assombrar os jornalistas d’*O Federalista*<sup>19</sup>.

Do meado de novembro até hoje (dois meses mais ou menos) o próspero distrito de Lagoa Formosa, perdeu cento e tantas pessoas em consequência da terrível pandemia que avassalou o mundo inteiro, a gripe [...].

Houve dia de serem dados à sepultura oito cadáveres vítimas da peste. O cemitério local, muito velho, com as muralhas a desabarem-se e de muito limitada área, não comportou senão a metade dos cadáveres, sendo necessário, por descuido da nossa administração, por falta de energia dos lagoenses, que não sabem protestar, sepultarem-se beira de cinquenta cristãos em plena “gabirola” em aberto. O nosso vigário merece também uma TIZORADINHA: conhecedor como é, da índole

---

<sup>15</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

<sup>16</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

<sup>17</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 26 jan. 1919. [n. p.].

<sup>18</sup> *Ibden*.

<sup>19</sup> É importante considerarmos que o jornal *O Federalista* não era um jornal sensacionalista. Tinha como redatores Dr. José Sandoval Babo, advogado atuante em Patos de Minas e Belo Horizonte, e Dr. Newton Bernardes Ribeiro da Luz, à época juiz de Direito em Patos de Minas e posteriormente desembargador do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Podemos então confiar nos relatos da grave situação dos distritos sem suspeição de exageros cometidos por eles.

religiosa do povo deste lugar, cômico de suas obrigações de pároco, não podia deixar, absolutamente, de haver bento a “gabirola” onde foi destinado para eterna morada de fervorosos cristãos.

O povo lagoense espera de seus dirigentes providências quanto à reconstrução e necessário acréscimo do cemitério e do padre da freguesia, que não demore a determinar o dia da sagração do CAMPO onde se acham sepultados seus patrícios batizados em CEMITÉRIO PAGÃO<sup>20</sup>.

É testemunha insuspeita do que vamos narrar o Dr. Juiz de Direito da Comarca, que há pouco chegou de sua última viagem aos distritos do Areado e Lagoa Formosa, onde fora a serviço do seu cargo.

Contou-nos, pois, a conspícua autoridade judiciária da Comarca, que por onde tivera a desventura de passar, naqueles distritos, encontrava, a todo o momento, insepultos, cadáveres e cadáveres de indivíduos que sucumbiram vítimas da terrível “hespanhola” e, na sua quase totalidade, por falta absoluta de recurso e do abandono em que foram deixados, infelizmente, na crise mais aguda da malfadada febre<sup>21</sup>.

Chama atenção o fato de esses locais estarem sem assistência das autoridades municipais, se na cidade de Patos de Minas havia sido criado um Hospital temporário para atendimento das vítimas, longe das urbes, a situação era de descaso, falta de estrutura e de atendimento médico e medicamentos. “A população rural, pela falta de médicos, vai se medicando com chás e outras bebidas, o que não deixará de concorrer para que se venha a dar grande número de óbitos entre ela”<sup>22</sup> “As primeiras vítimas, desta moléstia neste arraial [Lagoa Formosa], lutaram com enormes dificuldades por falta dos medicamentos de primeira necessidade na farmácia local”<sup>23</sup> até que a “Diretoria de Saúde Pública do Estado enviou medicamentos que foram remetidos para Lagoa Formosa, em vista da escassez de medicamentos da farmácia local” uma vez que lá continuava “a terrível epidemia sendo avultado o número de pessoas falecidas”<sup>24</sup>.

É perceptível pelos trechos anteriores que as pessoas, sem terem a que e a quem recorrer para se tratarem, buscaram a solução nos saberes e crenças populares. Infelizmente não conseguimos, com esta pesquisa, recuperar quais eram os “chás e outras bebidas” de que a população lançava mão na tentativa de curar a si e a seus parentes; as matérias jornalísticas também não mencionam quais eram os remédios enviados pela Diretoria de Saúde Pública do Estado para tratamento da gripe espanhola.

Por outro lado, em Patos de Minas, o discurso era diferente: “as nossas três farmácias, montadas a capricho, e com sortimento completo de medicamentos prestaram

<sup>20</sup> LAGOA FORMOSA. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

<sup>21</sup> SANEAMENTO DOS SERTÕES. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

<sup>22</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

<sup>23</sup> LAGOA FORMOSA. *O Federalista*, Patos de Minas, 02 fev. 1919. [n. p.].

<sup>24</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

o mais valioso concurso à população”. Se o papel da imprensa era criar uma imagem positiva das elites patenses, os farmacêuticos que também eram da elite política não poderiam ter um tratamento diferente. Eles estavam “trabalhando sem cessar no manipulamento de remédios, com incedível perícia e solicitude pouco comuns em emergências como a que atravessou a nossa cidade”, remédios esses que muito provavelmente não faziam tanto milagre como estava sendo aventado na mídia<sup>25</sup>.

Nos registros do Cemitério Municipal de Patos de Minas, a primeira morte atribuída à influenza data do dia 14 de novembro de 1918. A vítima foi uma criança de um ano, de nome Ruy, filho do casal João Ambrosio dos Santos e Herminia Tibúrcio dos Santos<sup>26</sup>. A próxima morte, tendo como causa mortis gripe pneumônica, foi registrada vinte dias após a de Ruy; sendo dessa vez um homem de “trinta e tantos anos”, chamado Virgílio dos Santos, tendo sido sepultado no dia quatro de dezembro de 1918<sup>27</sup>. Virgílio era casado com Tertulina Belluco, que também faleceu devido à gripe espanhola quatorze dias depois do marido. É a partir dessa data de dezembro que os registros de morte por “grippe” ou “grippe pneumonia” começam a intensificar e ficar menos espaçado. No mês de dezembro de 1918, foram registradas dezoito mortes; o dia mais crítico foi o dia 17 de dezembro com cinco sepultamentos no mesmo dia<sup>28</sup>.

Um dos registros que mais chamam atenção é o do dia 20 de dezembro. Ele dá a dimensão da pandemia no município. O registro diz o seguinte: “[...] sepultei os cadáveres de Anna Maria e seus dois filhos indigentes pais ignora natural dos Lanhosos distrito desta cidade falecidos hontem ao meio dia laudo à causa mortis gripe”<sup>29</sup>. Nos meses seguintes, as mortes que podemos atribuir como sendo da gripe espanhola começaram a diminuir. Em janeiro de 1919, foram nove sepultamentos; em fevereiro, dois; em março, um; em abril, dois. Esses dados nos fizeram concluir que os meses mais críticos foram os de dezembro de 1918 e janeiro de 1919. Após esse pico, a pandemia começou a desacelerar e a desaparecer. Podemos só imaginar o alívio daqueles que sobreviveram<sup>30</sup>.

Corroborando os dados do Cemitério Municipal, que localiza o fim da pandemia no início do ano de 1919, temos o comentário de L. Amorim na Coluna do correspondente de Lagoa Formosa: “Acha-se em franco declínio em nosso meio, a terrível epidemia que tantas e tão preciosas vidas nos roubou”<sup>31</sup>. Outro argumento é o ofício do professor João dos Rodrigues, da localidade de Mata Burro (próximo ao povoado de Aragão), datado de 27 de janeiro de 1919, dirigido ao Presidente da Câmara e Agente Executivo, em que afirma: “Exmo. Sr. Comunico a V. Exa. que tendo se

<sup>25</sup> A GRIPE. *O Federalista*, Patos de Minas, 12 jan. 1919. [n. p.].

<sup>26</sup> PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. *Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920*. Livro 1, p. 283.

<sup>27</sup> PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. *Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920*. Livro 1, p. 284.

<sup>28</sup> PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. *Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920*. Livro 1, p. 293-295.

<sup>29</sup> PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. *Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920*. Livro 1, p. 297.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

<sup>31</sup> *O Federalista*, Patos de Minas, 03 fev. 1919. [n. p.].

extinguído desta localidade a epidemia da gripe nesta data, reenceteci os trabalhos escolares o que hei por bem comunicar a V. Exa. para os devidos fins”<sup>32</sup>.

Quanto ao papel das autoridades locais e se tiveram em algum momento preocupações de qualquer tipo sobre a gripe espanhola e seus efeitos no município, as atas da Câmara Municipal não nos dão notícias. Na verdade, o que vemos é uma sucessão de reuniões encerradas por falta de quórum ou por falta de assuntos a serem tratados. Dessa forma, o livro de ata da Câmara não nos elucida sobre o papel que os poderes públicos tiveram no combate à moléstia que assolava a região. Uma única referência ao combate à gripe espanhola é feita no período entre outubro de 1918 e março de 1919: “Pelo Sr. Presidente foi apresentada contas de despesas feitas com a epidemia de gripe nos districtos da Cidade, Lagoa Formosa, Sant’ Ana, Areado e Santa Rita, na importância total de três contos seiscentos e trinta e quatro mil e dez reis (3:634\$010)”<sup>33</sup>.

Tendo noção desses cenários que se desenrolavam em Patos de Minas, a pergunta que fica é: quantas pessoas morreram vitimadas pela gripe espanhola nestas terras? A resposta, infelizmente, é que não sabemos ao certo. E pode ser que nunca chegaremos ao número exato. Isso porque os registros de mortes que chegaram até nós não são completos nem totalmente confiáveis pelos motivos já expostos e não se tinha o cuidado e o interesse em contabilizar números oficiais. Outros fatos que dificultam a identificação de quem morreu pela gripe espanhola são a falta de médicos para atestar a morte, principalmente as da área rural do município que não contavam com assistência médica, e as várias formas como essas mortes eram registradas.

As formas diversificadas de registro observadas nos relatórios do Serviço de Verificação de Óbitos – “bronquite gripal”; “brucopneumonia gripal”; “gripe intestinal”; “pneumonia gripal”; “gripe no curso de afecções orgânicas”; “pela suaforma grave ou maligna”; “meningite gripal”; “outra forma nervosa”; “rinolaringite gripal”; “nefritegripal” – podem sugerir que os médicos consideravam as doenças oportunistas manifestadas nas vítimas no decurso da doença, como a real causado desfecho fatal<sup>34</sup>.

Assim como surgiu, a gripe espanhola desapareceu. Após seu pico de mortalidade, entre dezembro de 1918 e fevereiro de 1919, os casos foram ficando mais esparsos até não serem mais registrados.

Neste parágrafo, faz-se um adendo. Ao analisar o livro de registros do Cemitério Municipal, algo nos chamou atenção: outra doença não demorou a se abater sobre a população da cidade, e o alívio pelo desaparecimento da gripe mortal durou pouco. A partir do mês de junho de 1919, crianças começaram a falecer em decorrência da coqueluche. “A coqueluche é uma infecção respiratória, transmissível e causada por

<sup>32</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. 27 jan. 1919.

<sup>33</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Câmara Municipal. Livro de atas 03 de maio de 1918 a 02 de outubro de 1919. Livro 10, p. 52.

<sup>34</sup> *O Democrata*, Salvador, 10 nov. 1918, p. 2.

bactéria. Está presente em todo o mundo. Sua principal característica são crises de tosse seca. Pode atingir, também, traquéia e brônquios”<sup>35</sup>. No livro de registro dos anos de 1918 a 1920, existem treze óbitos de crianças de zero a quatro anos identificados como causa *mortis* coqueluche, porém existem mais trinta óbitos no mesmo período de crianças da mesma faixa etária apresentando a causa da morte como desconhecida, o que nos leva a crer que muitas dessas mortes podem ser decorrentes de uma epidemia causada pela coqueluche<sup>36</sup>.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de gripe espanhola aconteceu em um momento muito peculiar da vida humana na terra. A modernidade avançava com rapidez e com, cada vez mais, desenvolvimento técnico e tecnológico, em que as distâncias eram encurtadas, em que a informação circulava mais velozmente, em que descobertas científicas começavam a alterar o ciclo da vida do homem: as vacinas já tinham seu efeito comprovado, a penicilina seria descoberta dali a alguns anos. O crescimento das cidades e o aumento populacional fizeram com que a urbanização virasse foco de interesse político.

O Brasil, uma república ainda jovem, possuía desafios a serem superados, como o da saúde pública e de contingência de tragédias. Em 2020, a pandemia da COVID-19 nos mostrou que esses problemas não foram ainda totalmente superados. Outro fato que não mudou completamente é a falta de dados públicos confiáveis, que não tentassem mascarar a gravidade da situação; erros que a pandemia de 1918 poderia ter ensinado se não fosse um fato histórico esquecido.

Mais uma vez, recorreremos a Camus (2019, p. 270). Dessa vez para concluirmos esta pesquisa: “Tudo o que o homem podia ganhar no jogo da peste e da vida era o conhecimento e a memória”. Foi com base nessa ideia que norteamos nossa pesquisa para trazer ao conhecimento público o cenário e os fatos que se passaram na cidade de Patos de Minas no período da gripe espanhola e contribuir para a memória do local com uma parte pouco estudada da história da cidade.

Entendemos que ainda há muito a pesquisar e a descobrir sobre o período em que fizemos o recorte temporal; por isso, entendemos que o presente trabalho corresponde a uma fração inicial na construção do saber historiográfico sobre as enfermidades neste município. Esperamos que novas pesquisas sejam realizadas e novos documentos sejam encontrados para complementar e ampliar o assunto aqui tratado.

### REFERÊNCIAS

BARRY, J. M. **A grande gripe**: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/coqueluche>. Acesso em: 13 set. 2022.

<sup>36</sup> PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. *Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920*. Livro 1.

BIERNATH, A. **Como os presidentes brasileiros lidaram com a gripe espanhola no início do século 20?**. São Paulo, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56031995>. Acesso em: 03 set. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS. Câmara Municipal. **Livro de atas**. 03 de maio de 1918 a 02 de outubro de 1919. Livro 10.

CAMUS, A. **A peste**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CARVALHO, J. M. de. **D. Pedro II**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

DIAMOND, J. M. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

FERNANDES, P. C. A. A fundação de Belo Horizonte: ordem, progresso e higiene, mas não para todos. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 1061-1084, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5210.e>. Acesso em: 20 out. 2022.

MATOS, M. H. R. **Educação e imprensa em palcos republicanos: análise dos jornais de Patos de Minas/MG (1889-1930)**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13808/1/marcia.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coqueluche**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/coqueluche>. Acesso em: 13 set. 2022.

O DEMOCRATA, Patos de Minas, 10 de novembro de 1918.

O FEDERALISTA. Patos de Minas, 12 de janeiro de 1919.

O FEDERALISTA. Patos de Minas, 26 de janeiro de 1919

O FEDERALISTA. Patos de Minas, 03 de fevereiro de 1919.

O FEDERALISTA. Patos de Minas, 02 de fevereiro de 1919.

OLIVEIRA, J. E. de. Hospital Regional 90 Anos. **Jornal de Patos**, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldepatos.com.br/2020/07/hospital-regional-90-anos.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

PREFEITURA DE PATOS DE MINAS. Cemitério Municipal. **Registro de sepultamento de 28 de julho de 1911 a 18 de maio de 1920**. Livro 1.

RIBEIRO, G. R. C. Contribuição à História da Medicina em Patos de Minas: das origens até 1950. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 9, p. 67-81, 2008. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/issue/view/120>.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte**: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma Biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, R. M. F. da. **A República dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das geraes**: representação, memória e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933. 2015. 431 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/18190>. Acesso em: 20 set. 2022.

STARLING, H. M. O ano em que Belo Horizonte enfrentou a peste. **UFMG**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-ano-em-que-belo-horizonte-enfrentou-a-pestes>. Acesso em: 20 abr. 2022.